Ñanduty
ISSN:2317-8590

CÃES E HUMANOS: COEXISTÊNCIA E RELAÇÕES INTERESPECÍFICAS

Renata Harumi Cortez Toma (IEL/CNPq- renatahcortez@gmail.com)

RESUMO

ESTE ARTIGO ABORDA A CONVIVÊNCIA E COEXISTÊNCIA INTERESPECÍFICAS A PARTIR DA QUEBRA DA NOÇÃO DE ANIMAIS NÃO HUMANOS ENQUANTO SERES PURAMENTE INSTINTIVOS E DISCUTE AS FRONTEIRAS ENTRE OS CONCEITOS DE HUMANIDADE E ANIMALIDADE COM BASE NA CONCEPÇÃO ACERCA DOS CÃES DE ESTIMAÇÃO ENQUANTO SUJEITOS. PERPASSANDO UM CAMPO NO QUAL O ENTENDIMENTO DE CARACTERÍSTICAS PARTILHADAS ENTRE HUMANOS E CÃES SE DÁ EM TERMOS GRADUALISTAS, SÃO EXPLORADAS AS CARACTERÍSTICAS INDIVIDUAIS RECONHECIDAS NOS ANIMAIS E A SUA INFLUÊNCIA NA RELAÇÃO ESTABELECIDA COM HUMANOS. BASEADAS NA RECIPROCIDADE E NO AFETO, AS RELAÇÕES COM CÃES SÃO ANALISADAS ENQUANTO RELAÇÕES SOCIAIS E EM TERMOS DE PARENTESCO. BUSCA-SE AINDA ABORDAR O SUPOSTO AMOR INCONDICIONAL PROVENIENTE DOS CÃES E A INTIMIDADE ENTRE AS ESPÉCIES.

PALAVRAS-CHAVE : ESPÉCIES COMPANHEIRAS; CÃES; RELAÇÕES HUMANO-ANIMAL

DOGS AND HUMANS: COEXISTENCE AND INTERSPECIFIC RELATIONSHIPS

ABSTRACT

THIS ARTICLE ADDRESSES INTERSPECIFIC COEXISTENCE FROM THE BREAKING OF THE NOTION OF NON-HUMAN ANIMALS AS PURELY INSTINCTUAL BEINGS AND DISCUSSES THE LIMITS BETWEEN THE CONCEPTS OF HUMANITY AND ANIMALITY BASED ON THE VIEW ON PET DOGS AS SUBJECTS. RUNNING THROUGH A GROUP WHERE THE UNDERSTANDING OF CHARACTERISTICS SHARED BETWEEN HUMANS AND DOGS OCCURS IN GRADUALIST TERMS, THE INDIVIDUAL CHARACTERISTICS RECOGNIZED IN ANIMALS AND THEIR INFLUENCE ON THE RELATIONSHIP ESTABLISHED WITH HUMANS ARE EXPLORED. BASED ON RECIPROCITY AND AFFECTION, RELATIONSHIPS WITH DOGS ARE ANALYZED AS SOCIAL RELATIONSHIPS AND IN TERMS OF KINSHIP. IT ALSO SEEKS TO ADDRESS THE SUPPOSED UNCONDITIONAL LOVE FROM DOGS AND THE INTIMACY BETWEEN SPECIES.

KEYWORDS: COMPANION SPECIES; DOGS; HUMAN-ANIMAL RELATIONS

Ñanduty
ISSN:2317-8590

INTRODUÇÃO

A antropologia brasileira que lida com as relações entre humanos e diversos animais não humanos ganhou notabilidade a partir da década de 1990. Com predominância do estudo do perspectivismo ameríndio em seus dez primeiros anos, vemos um florescimento de novos debates a partir da segunda metade da década de 2000 (Toma, 2017). Temos, então, um amplo leque de discussões englobando distintos aspectos da vida humana em interação com outros animais como cosmologia (Viveiros de Castro, 1996), religião (Oro, 2006), colonialismo (Fausto, 2005), caça (Senra, 1996), apropriação pela indústria cultural (Lacerda, 1995), movimentos sociais (Sordi, 2011), veganismo (Ferrigno, 2011), proteção (Osório, 2011), experimentação em animais (Paulino, 2008), atribuição de cultura (Sá, 2005) e relação com animais de estimação (Oliveira, 2006), dentre outros.

Essas discussões nos permitem repensar as configurações de animalidade e humanidade. Os contextos distintos com suas próprias complexidades revelam diferentes formas de conceber humanos e animais e, portanto, de se relacionar com os últimos. Valorações distintas são conferidas a animais diferentes e também a humanos diferentes. O consumo de animais e a experimentação, por exemplo, podem ser defendidos ou contestados. Quando defendidos, as espécies de animais usualmente variam, uma vez que cães e gatos são estimados enquanto vacas, porcos e galinhas são postos na condição de sujeitos cujas vidas podem ser retiradas para benefício humano (Ferrigno, 2011). Da mesma forma, a classificação como *Homo sapiens sapiens* não basta para que os humanos sejam igualmente classificados: nem todos são dignos de respeito para todos os grupos sociais, de forma que os que maltratam certos animais são rebaixados na estrutura de classificação moral das espécies. No campo de Perrota (2012) vemos que, para os defensores que a autora estuda, os humanos que maltratam animais não são dignos de serem considerados portadores de humanidade. Essas considerações, atreladas às discussões do campo de Marcadores Sociais da Diferença, deixam claro que pertencer à mesma espécie não basta, uma vez que as categorias de classe, raça, gênero e sexualidade mobilizam dessemelhantes sentidos de respeito e, interseccionadas, formam distintas relações sociais (Moutinho, 2004).

Apesar das distintas valorações e dos diferentes cenários e contextos estudados, a percepção de humanos acerca dos animais em questão enquanto sujeitos é recorrente. Ela aparece em campos urbanos e rurais, em animais de estimação, nos utilizados para trabalho ou

para consumo. Há um amplo reconhecimento de subjetividade a muitos daqueles animais não humanos que dividem suas vidas conosco, de forma que a troca de experiência interespecífica se faz presente. É neste contexto que se insere este artigo. Abordo aqui um grupo de pessoas e ideias, que encontrei durante minhas pesquisas sobre cães de estimação, a respeito da vida partilhada com estes animais.

Noto que, assim como estudar relações entre humanos e animais possibilita uma série de abordagens e cenários distintos, o caso é o mesmo quando se trata das relações e atitudes direcionadas aos cães. Estes animais são sujeitos em associações conosco, humanos, em uma multiplicidade de relações distintas, que vão da estima ao mau trato, passando pela sua estetização à sua condição de transmissor de zoonose. Fascinada pelas relações que conferiam ao animal um lugar afetuoso na vida dos humanos, eu mesma tendo uma cachorra na época, comecei minha inserção em campo para estudá-las em 2010. A fim de realizar um mapeamento, tive contato com distintos contextos e atores: ONGs, protetores, profissionais do mercado pet, feiras nacionais e internacionais do setor, e com pessoas que possuíam cães de estimação[1]. Dessa inserção, que terminou em 2017 com o final do meu mestrado[2], é que tiro o contexto aqui abordado. Particularmente, busco dar inteligibilidade às concepções e relações de um grupo de humanos que conviviam com seus cães de estimação ao qual dediquei minha análise juntamente ao mercado pet.

Para compreender essas relações complexas entre espécies distintas que convivem numa metrópole como São Paulo, onde o consumo do mercado pet é considerável visto que até mesmo o ato fundamental da alimentação dos cães é feito, majoritariamente, com rações ou alimentos industrializados, optei por fazer trabalho de campo em pet shops. Fiz o recorte do campo em pet shops de bairros considerados de classe média, nas zonas norte e oeste da cidade[3]. Os relatos aqui mencionados vêm destes locais, onde pude observar e conversar com os humanos enquanto estes esperavam seus cães serem banhados. Com cadeiras, sofás ou banquetas, esses ambientes de espera proporcionaram uma oportunidade de não apenas observar os produtos e serviços

[1] "Dono" é o termo nativo do campo para exprimir a relação com o animal e será utilizado ao longo do artigo para referenciar as pessoas que "têm" um animal de estimação.
[2]Defendido no âmbito do Departamento de Antropologia Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, com financiamento do CNPq.
[3]São as regiões da cidade que apresentam as menores razões entre habitantes e cães domiciliados, de forma que a presença de cães é mais forte que a das outras regiões. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/arquivos/publicacoes/ISA_2015_CG.pdf. Acesso em 22/08/2020.

consumidos, mas de conversar com os donos e com os profissionais a respeito dos cães, da sua rotina e até mesmo das suas vidas pessoais. Funcionando ora de forma semelhante a um grupo focal, ora a entrevistas particulares, pude analisar opiniões concernentes aos cães e a outros aspectos da vida humana que eram expostos não só a mim mas a todos que partilhavam a espera nesses espaços de sociabilidade.

O CONTEXTO

Ressalto que o cenário metropolitano em questão é palco de distintas ações e atitudes relevantes aos animais. A cidade de São Paulo foi a primeira a ter hospitais veterinários públicos gratuitos para cães e gatos, permite a circulação destes animais em ônibus coletivos[4], conta com cachorródromos em diversos parques e possui locais públicos e privados adaptados para a convivência com os cães.

Há shoppings, cinemas, restaurantes, bares, padarias e locais de entretenimento ao vivo que os aceitam acompanhados de humanos. Nos apartamentos, cresce também a presença das áreas compartilhadas "pet plays" para que eles se exercitem. Essas medidas realçam a importância desses pets na vida dos paulistanos, corroborada pela quantidade desses animais na cidade. Na área metropolitana do município de São Paulo, estão presentes cerca de 1.874.601 cães domiciliados em uma razão de 6,2 humanos para cada cão nessa situação[5].

Os gastos com os pets também são abundantes. Segundo notícia do Diário do Comércio, uma pesquisa do IBOPE revelou que um terço dos gastos com animais de estimação no Brasil é feito por paulistanos[6]. A presença do mercado pet na região é marcante. As principais feiras do setor, brasileiras e da América do Sul, foram sediadas na cidade durante a realização das pesquisas, e a variedade de produtos e serviços encontrada é enorme, bem como o leque de preços e de público consumidor. Para se ter uma noção da diversidade presente, uma roupa para cães pode chegar a custar R$600,00, existem guias com aplicação de pedrarias, patês feitos de carnes de animais não convencionais e tintura do pêlo para que o animal pareça rejuvenescido.

[4] Seguindo determinadas normas acerca de horário, peso, vacinação e transporte.
[5] Nota-se que foram contabilizados apenas os cães que vivem em casas, sendo excluídos desse número os cães de rua. Os dados são do ano de 2015 e estão disponíveis em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/arquivos/publicacoes/ISA_2015_CG.pdf. Acesso em 22/08/2020.
[6] A publicação é de 2018. Disponível em: https://dcomercio.com.br/categoria/negocios/o-mundo-cao-deu-um-pulo-do-gato-em-sao-paulo. Acesso em 22/08/2020.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Não só a animais de estimação, porém, a cidade reserva regras legais. A sensibilidade em torno da vida animal é percebida também em leis que regulam as atitudes destinadas a outras espécies, como a proibição de rodeios, touradas e eventos similares que envolvam crueldade no trato aos animais. São proibidas também as apresentações de animais em circo e a utilização de animais em testes para o desenvolvimento de produtos de higiene pessoal, cosméticos e perfumes[7].

Dentro de tal cenário urbano, situo o grupo abordado como humanos que escolheram conviver com cães dentro de casa. Recortada a análise em relações permeadas pela afetividade, abordo aqui esse grupo que se caracteriza pela relação afetiva para com os cães de estimação e para quem estes animais são reconhecidos enquanto seres com individualidade e com capacidades que questionam as supostas singularidades humanas (Ingold, 1995). Tais cães, com os quais partilham a vida e o espaço do lar, provocam uma reconfiguração dos entendimentos acerca da humanidade e da animalidade.

EXCLUSIVIDADES HUMANAS?

Não que esses humanos entendam os cães como seres dotados de capacidades desafiantes às supostas singularidades humanas previamente à convivência. Muitas vezes o primeiro contato prolongado com o animal leva à quebra inesperada da concepção da espécie humana enquanto distinta em diversas características. No decorrer da vida dessas pessoas, muitas vezes foi aprendido na escola, em ensinamentos religiosos, ou com figuras de autoridade, que os humanos estão no topo da pirâmide hierárquica, tanto em valoração quanto em exclusividade de certas habilidades. Antes de conviver com algum animal não humano, a concepção de cachorro com um ser instintivo, sem capacidade de pensamento e com comportamentos exclusivamente determinados pela raça é comum.

A concepção de singularidade humana é recorrente em distintas épocas e grupos ocidentais. Essa suposta barreira distintiva entre nós e os outros animais foi defendida por parte da religião, ciência e filosofia moral há séculos (Charles e Davies, 2008), e ainda o é em diversos contextos. Como aponta Ingold (1995), a humanidade pode ser pensada em contraposição à animalidade, de forma a diferenciar os seres humanos dos outros animais:

[7] Lei 777/2013 de cunho estadual. Disponível em: https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/sao-paulo-proibe-testes-em-animais-1/. Acesso em 15/11/2021.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

> Como condição oposta à da humanidade, a animalidade transmite uma noção de qualidade de vida no estado de natureza, onde se encontram seres "em estado cru", cuja conduta é impelida pela paixão bruta em vez da deliberação racional e que são livres dos constrangimentos da moral ou da regulação dos costumes" (INGOLD, 1995: 44-45)

Como seres opostos aos animais, distintas gerações apontam traços como intelecto, consciência e linguagem, dentre outros, como características que nos diferenciam enquanto espécie (Ingold, 1995: 39). Esses distanciamentos persistem no grupo estudado, contudo tornam-se um distanciamento de grau e não de capacidades em si. Para eles, não existe uma singularidade humana em termos de capacidade[8], pois aprenderam a identificar nos cães modos de comunicação, pensamento, sentimentos e agência. Apenas o nível de capacidade difere, de forma que o conhecimento mais profundo acerca dos animais, decorrente da convivência, faz a oposição radical entre humanidade e animalidade dar lugar a uma postura gradualista (Ingold, 1995: 49). Ingold aponta esse fluxo de interpretação das singularidades humanas de existentes a questionadas quando o ponto de referência são os animais de estimação, pois para ele, àqueles com os quais "mantemos relações estreitas e duradouras, tais como gatos e cães domésticos, logo descobrimos exceções, e lhes atribuímos intenções e propósitos, da mesma maneira que fazemos com os seres humanos" (Ingold, 1995: 48).

Este rompimento da defesa de exclusividades humanas está presente também na ciência. A partir da cultura científica norte-americana do final do século XX, Haraway (1991) expõe que, para esses cientistas, não existe característica presente em nós que nos separe convincentemente de outros animais. Esse entendimento inclui a utilização de instrumentos, a linguagem, o comportamento social e os eventos mentais (1991: 40). A arqueozoologista Clutton-Brock, por sua vez, relata como os estudos comportamentais das espécies que não levam em consideração a personalidade de cada indivíduo são atualmente considerados inadequados, pelo menos para *advanced vertebrates* (1994: 33).

Desta forma, a fronteira entre cães e humanos não é sólida e sim difusa. Para Kulick (2009), os cães são os agentes mais corrosivos das fronteiras entre as espécies humanas e animais (não humanas). Podemos observar as reconfigurações entre os dois grupos quando observamos os humanos reajustarem suas concepções do que partilhamos com outras espécies quando convivem com cães de estimação em relações de respeito, consideração e afeto.

[8]Se discutido o aspecto que torna os seres humanos distintos dos outros animais, ele é tido como a prática de fazer mal a outrem de forma gratuita e consciente. Para meus interlocutores, é a moralidade que nos diferencia, sendo a humana negativa e a canina positiva. Ressalto que essa concepção de capacidades e características partilhadas não se estende a todos os animais, que podem ser considerados seres puramente instintivos.

É o reconhecimento dessas capacidades partilhadas que permitem o estabelecimento de uma relação entre indivíduos, com reciprocidade e leitura do outro, das suas personalidades e de seus gostos. Os casos aqui citados são de pessoas que estabelecem uma forte relação afetiva com os cães de estimação e os reconhecem como indivíduos senscientes, cognitivos, comunicativos e possuidores de agência.

Convencionalmente, são esperadas destes animais capacidades culturalmente atribuídas a eles como a percepção (e expectativa de obediência) de comandos para sair e entrar de certos espaços, não subir em móveis ou roê-los, fazer as necessidades em um local determinado pelos humanos, respeitar os alimentos de cima da mesa e a habilidade de transmitir pedidos de comida, água ou de mostrar que sentem dor. Os diferentes tons de voz e a recompensa positiva[9] são utilizados de forma a facilitar a comunicação do que os humanos querem, enquanto que os movimentos, latidos, choros e outros sons caninos ajudam os humanos a perceber a tentativa de comunicação por parte dos cães. Para além dessas capacidades e atitudes incorporadas nas questões vitais da existência canina, a inteligência e a comunicação somadas a outras capacidades, como a de ter sentimentos e emoções, acarretam no estabelecimento de relações entre sujeitos humanos e cães dotados de personalidades individuais.

Tomemos o caso de Cherry, uma cachorra que frequenta um pet shop da zona norte cuja uma família teve anteriormente uma vasta quantidade de espécies de animais de estimação, desde tatu até galinha. Para eles, cães pensam e têm personalidades próprias. Eles contam como a cachorra comanda a casa e a sua cuidadora principal com seus caprichos, reconhecendo a individualidade animal. Cherry tira as pessoas do sofá da sala, late sem parar para as visitas quando ela quer dormir - pois gosta de dormir sem estranhos no apartamento -, late da mesma forma quando quer sair de onde está – a cachorra visita frequentemente a casa dos familiares e de amigos -, morde o pé das pessoas quando quer que a deem comida, demonstra braveza quando a sua dona fica fora de casa por muito tempo, e chateação quando não é cumprimentada pelos que chegam, pois não se sente querida.

Cherry deve obedecer a regras também, não pode entrar no banheiro por bagunçar o cesto de lixo e em um dos quartos. Certa vez ela transgrediu a norma e comeu um álbum de fotos que estava em cima de uma das camas do quarto proibido. Para sua cuidadora principal, a cachorra

[9]As técnicas de reenforço positivo são incentivadas por adestradores e donos. A sua utilização entra no lugar da violência, que é condenada. Segundo os profissionais, atos violentos não são efetivos em termos de aprendizado e geram traumas no cão. Receber tapas não é natural a esses animais, afinal bater é uma forma de expressão humana.

não poderia ser responsabilizada mesmo sendo reconhecidas nela personalidade e agência, pois por ser cachorra ela não teria consciência de que não poderia comer o objeto. Já para sua neta, a cachorra poderia, sim, ser responsabilizada, pois ela reconhecia na animal os comportamentos de culpa e a consciência que para a avó lhe faltavam. Sem ao menos ter sido repreendida, ela se escondia toda vez que alguém pegava o álbum comido, o que para a neta significava que ela sabia que o ato cometido era errado. Quando a cachorra "aprontava", era recorrente a sua "cara de coitada" seguida da sua aproximação contida, quase rastejante, como um pedido de desculpas.

As pessoas daquela família reconhecem na cachorra pensamentos e consciência - ainda que em distintos graus -, bem como sua personalidade forte e seus gostos: Cherry adora colo, cenouras e banana, e não gosta que os outros brinquem com seus brinquedos. Para elas, as vontades de Cherry, tais como os desejos de ela descansar ou de receber carinho, são vocalizadas para os que não as cumprem. Além disso, a agência e o lugar na família da cachorra são reconhecidos e respeitados. As pessoas não se ausentam por longo tempo do apartamento, sua cuidadora principal está lá ou manda alguém sempre nos horários em que a cachorra é acostumada a comer. Como dona da casa, diz abertamente que quem não gosta de cachorros não é para ir à sua casa, uma vez que a casa é de Cherry também e ela tem todo o direito de circular pelo espaço sem ficar trancada para comodidade de visitas que se incomodam com a sua presença. Ela também delimita seus visitantes bebês ou crianças de acordo com o trato dado à cachorra – se eles puxam seu pêlo ou batem nela, eles são repreendidos na hora (assim como seus responsáveis, já que bebês não têm consciência da dor que isso causa ao animal) e não são convidados a voltar.

O reconhecimento de gostos e vontades próprios dos cães é comumente percebido em diversas situações. Não raro os donos compram ou cozinham os alimentos que eles parecem gostar mais de comer – há uma cachorra que, quando fica na casa da "avó", recebe os flocos de ração embrulhados em pedaços de frango, e cães que são alimentados com carne de javali e cordeiro - e reconhecem as vontades do animal de passear, ficar no colo, tomar banho, brincar e subir na cama, dentre muitas outras. Essas características são válidas também na hora de escolher produtos. Se a estampa de um acessório reflete o gosto do dono ou a sua interpretação da personalidade do animal, os objetos do dia a dia podem ser escolhidos por ele mesmo. Há humanos que interpretam o olhar fixo do cão para algum produto do pet shop como vontade de consumi-lo ou tê-lo, e partem da escolha do animal para decidir qual opção comprar. Já em

Ñanduty
ISSN:2317-8590

2010 era possível observar cachorros sendo consultados a respeito da cama que preferiam, com as alternativas postas no chão para que eles pudessem escolher.

PERSONALIDADES E CONVIVÊNCIA

A personalidade do animal, para além de seus gostos e desejos, é observada também em seus comportamentos, como nos mostra a família de Cherry.

É em torno das formas de expressão individual dos cães que gira a maior parte das conversas nos pet shops. Alguns gostam de contato físico, outros de sossego, adoram a rua ou têm medo dela, são ciumentos com outros cães ou querem brincar, se dão bem com todos que habitam e frequentam a casa ou não, gostam de carinho na cabeça ou na barriga, são diurnos ou noturnos. As personalidades descritas de cada cachorro e cachorra são compostas por distintas características comportamentais, como companheirismo, obediência, transgressão, agitabilidade, ciúmes, preferências, amabilidade, delicadeza, dentre muitas mais.

Ainda que discursos de veterinários e agentes do mercado pet distingam comportamentos determinados pela raça do animal, os humanos percebem em seus cães personalidades próprias independentes ou não limitadas por ela. Isso fica claro para quem convive com mais de um animal da mesma raça definida. Duas maltês que frequentam um dos pet shops são descritas com personalidades totalmente diferentes: enquanto uma é espevitada, circula o tempo todo pela casa, gosta de brinquedos e de agitação, a outra gosta de ficar no colo sem ser incomodada e de receber muita atenção. A diferença entre elas pôde ser percebida enquanto as duas aguardavam o banho, pois enquanto a primeira cheirou todos os presentes e ficou pulando de banco em banco, a outra ficou sentada o tempo inteiro no colo da mulher que a levou.

No espaço da casa são diversas as situações que exploram as individualidades dos cães. A não indiferença de Cherry quando ela comeu o álbum de fotos, que é amplamente relatada em situações semelhantes de cães que sabem que infringiram as regras, é um indício de sua consciência, e a sua resposta “culpada” um traço de sua personalidade. Noto que mostrar-se ciente de que seu ato é transgressor não é sinônimo de cabeça abaixada, pois há cães que reagem de outras formas, como latindo e abanando o rabo ao sair de perto, ou lambendo a pessoa brava intensivamente sem mostrar submissão, com *cara de safado* ou de *sem vergonha*. A dona de Lili, uma cachorra que morava em um lar em que os adultos saíam para trabalhar logo cedo de

manhã, entendia que a cachorra se mostrava envergonhada por não acompanhá-la quando ainda estava sonolenta e tentava disfarçar

> Solene acordava por volta das 5h ou 6h, e Lili continuava deitada. Porém, segundo Solene, a cachorra tinha vergonha de não acompanhá-la, então quando Solene passava ao lado dela, ela pulava da cama e ficava de pé, mas era só Solene mudar de cômodo que ela deitava e assim ficava até Solene aparecer de novo. Solene dá muita risada dessa história, e a conta como se sua cachorra estivesse fingindo fazer companhia a ela. (Caderno de campo, maio de 2016)

Enquanto indivíduos, eles reagem às ações humanas. Podem ficar chateados com broncas e com a distância imposta em certas situações (como na hora de dormir), tristes com a ausência dos humanos, e felizes com os "mimos" alimentares e de afeto. A partir dos distintos sujeitos em questão, a vida é adaptada para que ambas as espécies vivam bem. Essa adequação da vida para a convivência interespecífica é feita de diferentes formas, as mais comentadas consistindo em atos que promovam o estreitamento do elo e a felicidade do cão, o que, por sua vez, aumenta a felicidade humana.

Ações anteriormente impensáveis ou problemáticas passam a ser rotina. Uma senhora que conheci me contou que sua cachorra gosta de dormir com o corpo encaixado na sua cabeça, com as patas encostadas em suas orelhas. Ela adora essa configuração no inverno, mas diz que é um problema no calor, já que o corpo e o pêlo da poodle esquentam muito a sua cabeça. Ainda assim ela faz a vontade da cachorra para que ela fique feliz – e seu marido não gosta, mas já se conformou.

Os arranjos de tempos e experiências partilhadas também são modificados pela sua presença. Outro dono contou-me que seu cachorro adora brincar de ir buscar seu brinquedo especial. De porte grande e raça indefinida, o cão chora para que alguém brinque com ele nos fins de tarde. Antes do nascimento da sua filha, era ele que sempre lhe dedicou atenção. Isso não mudou, ele continuou a brincar com seu cão, mas agora que a sua filha está crescendo, ele a inclui nessa experiência de descontração. Assim, o momento de interação agora envolve três vidas. A menina, por sinal, me contou que gosta muito de brincar com o cachorro e de abraçá-lo. Ela agora acompanha o pai na ida ao pet shop e parece ter no animal um companheiro em seu dia a dia.

Estes cães são animais domésticos e domesticados (Barreto, 2015:15-16) adquiridos por meio de compra, adoção ou presente, e a noção de sua condição de domesticidade impõe aos cães cuidados e proteções humanas, ao contrário dos animais selvagens cujas vidas parecem ser independentes (Pinto 2016:8-9). Existe uma ideia de como a convivência e a relação deveriam

ser quando estes animais são adquiridos, entretanto ela é apenas uma forma de pensamento que não se traduz sempre em realidade. Como vimos, as personalidades dos animais influenciam bastante nos hábitos adquiridos após a sua chegada e na reconfiguração da vida humana. Devemos ter em mente que"[d]ogs are about the inescapable, contradictory story of relationships - co-constitutive relationships in which none of the partners pre-exist the relating, and the relating is never done once and for all." (Haraway, 2003: 12). Em seu manifesto acerca de espécies companheiras, Haraway (2003) nos mostra que o relacionamento entre cães e humanos é muito mais complexo do que dizem os relatos e que ele não é estático, uma vez que a relação entre as partes é contínua.

Quando eles chegam à casa são nomeados, limpos, têm suas necessidades básicas supridas e passam a fazer parte das outras vidas que habitam o local. Conforme relatado pelos donos, o começo da convivência é marcado por falhas interpretativas de ambas as espécies, de forma que o tempo melhora a compreensão do outro. Uma vez que o elo entre as espécies não é pré-existente, a relação deve ser construída a partir da convivência, do reconhecimento do outro enquanto sujeito, das personalidades envolvidas e das regras estabelecidas. O alcance de uma boa relação é reconhecido com a obtenção do que estes humanos admitem como intimidade, o conhecimento profundo do outro. Noto que não existe uma fórmula para atingi-la, afinal cada ser tem a sua subjetividade e é preciso que os sujeitos a encontrem dentro de suas particularidades.

O caminho para ela nem sempre é percorrido ou é livre de obstáculos, porém, no campo observado, as relações são todas consideradas positivas. Pude ver diversos casos de resistência afetiva aos cães quando esses chegavam às casas por parte de alguns moradores – seja por serem resistentes à vulnerabilidade que eles trazem, serem fieis a outros cães ou por não gostarem de cachorro. Aqui, a coexistência pode levar a dois caminhos: a superação da resistência ao animal, que consegue quebrar as barreiras emocionais e passa a ser sujeito de afeto, e a continuação da distância emocional. Este último caso nos mostra que as relações não são positivas a todos[10], uma vez que o cão pode gozar de distintos níveis de afeto dentre os que com ele convivem. Muitas são as histórias dos que superam a barreira inicial: o cão foi adquirido por insistência dos outros membros da família, contudo, hoje, quem é mais apaixonado por ele é a pessoa que não o queria; o cachorro era inicialmente de um parente que pedia para que a pessoa em questão

[10] Como em campo encontrei pessoas que tinham o animal em alta estima, os relatos dessas situações são mais raros e não são discursos em primeira pessoa.

tomasse conta e de fardo ele passou a ser extremamente querido, resultando na mudança da guarda do animal; o distanciamento em relação ao cão por saudade de outro ou pela recusa de se envolver com um novo animal de forma a evitar o luto novamente é quebrado pelo afeto e companheirismo do novo cão; a concepção de cão enquanto animal instintivo dá lugar ao reconhecimento de um sujeito complexo com quem se estabelece uma relação; o perigo de cão enquanto transmissor de zoonoses diminui com o impacto da medicina e do mercado pet.

Uma vez que a intimidade é alcançada e existe a procura um pelo outro, a relação passa a ser descrita como afetiva. Atento que a afetividade exige vulnerabilidade emocional de ambas as partes, uma vez que eles se importam um com o outro e com as atitudes do outro para consigo mesmo, e também vulnerabilidade física, já que existe a possibilidade de agressão de ambas as espécies.

É a intimidade que facilita a manutenção do elo de forma eficiente. Para deixar os cães felizes, esses donos fazem o que chamam de *mimos* – ações que alegram o animal ao mesmo tempo que não são vitais para eles – e que normalmente se baseiam na personalidade do animal. Eles englobam o descrito anteriormente, como deixar o cão dormir encaixado na sua cabeça e dar a ele grãos de ração enrolados em frango, e um amplo leque de ações que envolvem carinho físico, atenção, tempo juntos, brincadeiras, passeios, comida e brinquedos, por exemplo. Aponto que atitudes mediadas pelo dinheiro para com os animais podem ser uma forma de demonstração de afeto quando visam o bem estar do cão. Elas não podem, entretanto, substituir afetos não monetários nem ser uma balança para o afeto em questão.

A convivência interespecífica aqui descrita é permeada pela compreensão e respeito, além das atitudes mais claras de afeto. Vemos que, para a cuidadora principal de Cherry, prevalecem os direitos da cachorra de circular pela casa e de ser bem tratada – o que ela avalia através de ações corporais e vocais de Cherry caso não tenha visto a interação problemática em si – sobre os desejos humanos de distanciamento ou a ideia da cachorra como um ser que deve aceitar qualquer tipo de brincadeira. O respeito aos cães é recorrente, de maneira que há donos que não gostam que você se aproxime e toque no animal, mesmo para fazer carinho, se ele não lhe der a liberdade. Afinal, cães não são brinquedos e não se pode assumir que todas as atitudes para com eles sejam válidas, ainda que com boa intenção. Assim, tomar atitudes para com eles sem considerar o tipo de reação canina pode ser encarado como desrespeito, e este pode levar ao distanciamento.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

RELAÇÕES SOCIAIS

As conexões sociais entre humanos são, portanto, afetadas. As atitudes dos outros para com os pets são consideradas e influenciam nas relações sociais humanas dos donos. A dona de Cherry não permite que crianças que não a tratem bem as visitem, de forma a surgir um distanciamento num laço pré estabelecido por um conflito acerca da atitude para com a cachorra. Desta forma, cães são agentes nas redes sociais. Charles e Davies (2008) mostram essa influência na dinâmica social, aproximando ou afastando as pessoas e moldando as estruturas dos relacionamentos pessoais, a partir de relações positivas ou negativas para com os animais.

O afastamento pode também ser físico e não social. Em um curso que fiz durante o mestrado, uma mulher me apresentou o cachorro que a tinha expulsado de casa – um cão com quem convivia na casa dos pais, onde morava anteriormente, e por quem tinha muito amor. Bióloga de formação, ela decidiu mudar o seu ramo profissional e investir na fabricação de doces, o que era impossível fazer com a presença do cachorro por questões sanitárias, já que o espaço não permitia o distanciamento necessário dele e de seus pêlos. Ela, então, alugou uma casa perto da casa de seus pais que a permitia dar continuidade a seu novo trabalho e visitar a sua família com freqüência – família essa que incluía o cachorro.

Bem como apontam Charles e Davies (2008), a influência dos animais nas relações humanas pode ser positiva. Não apenas pessoas que se encontram em passeios com os animais conversam por conta deles, mas elas podem criam um vínculo ou estreitá-lo a partir de como elas concebem e tratam os cães. As conversas nos pet shops, a intimidade relatada, os passeios marcados para caminhar com eles, os piqueniques e outros eventos que surgem a partir do animal podem levar ao estreitamento dos laços ou mesmo ao aumento da rede social humana.

As influências animais nas redes sociais são complexas, uma vez que elas atingem tanto laços distantes do círculo social quanto o interior da casa. Não são todos os moradores ou integrantes da família que necessariamente mantêm um vínculo afetivo com o animal, e, quando isso ocorre, normalmente as intensidades são distintas. Disso decorre que a atenção e o afeto destinados ao cão podem ser causa de ciúmes dentre os coabitantes da casa e para outras pessoas do círculo social. Um ato que privilegia o cão em detrimento de um humano, como a recusa em ir ao cinema com o filho por ter que passear com o cachorro, pode gerar uma certa tensão entre os envolvidos e julgamentos de outros humanos.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Passemos agora às próprias relações interespecíficas. Estes humanos entendem a ligação com os cães conforme o princípio da ação e reação. Para fazer o cão feliz, é necessário que lhe demonstrem afeto, e para que a pessoa se sinta valorada, o cão deve procurá-la em uma atitude de querer estar junto. Configura-se, então, uma relação social, envolta na reciprocidade e em sua expectativa. Da mesma forma que humanos sentem-se queridos com as festas que os cães fazem quando chegam, com a busca pelo carinho e com a companhia em diferentes situações, eles entendem que cães constroem seus sentimentos de acordo com a sua interpretação dos comportamentos humanos. Assim, cães ficariam felizes a partir da demonstração que eles são estimados.

A noção de reciprocidade pode ser vista em um caso que presenciei ao sair da Pet South America[11] 2017:

> um grupo de quatro mulheres chegou [ao ponto de ônibus]. Duas mais velhas e duas mais novas, as últimas aparentando ter entre 25 e 30 anos. Uma dupla era de mãe e filha que pareciam ser amigas das outras, que não se pareciam fenotipicamente. A filha comentava com elas que os "os seus filhos tinham que reconhecer". Ela disse para as outras que quando chegasse em casa iria colocar seus filhos no sofá (com os gestos da mão dando a entender que seria um do lado do outro) e mostrar tudo que ela havia comprado para eles. E que eles tinham que reconhecer, pois não é fácil caminhar o dia inteiro nessas feiras, já que é muito cansativo. As outras concordaram que cansava demais e que se andava muito, tinha muita coisa para ver, "carregando essas sacolas então…". (Caderno de campo, 29/10/2017)

Pela idade da mulher e pelas sacolas que carregava, os filhos eram caninos. Nesse caso, a moça tinha expectativa do reconhecimento de sua dedicação a eles e da retribuição que esse reconhecimento gerará. Esta perspectiva apresenta um salto do reconhecimento usualmente esperado dos cães, mas pode ser vista nesse caso. Independentemente do grau esperado de reconhecimento da dedicação ao outro, a reciprocidade é esperada pelo grupo estudado para que se entenda a relação como afetiva de ambos os lados.

Uma vez que dar, receber e retribuir estão atrelados à regra social, as relações com os cães se caracterizam enquanto relações sociais. De acordo com Fortes em *Rules and the Emergence of Society* (1983), "[f]or without rules there can be neither society nor culture; and what I am arguing is that it was the emergence of the capacity to make, enforce, and, by corollary, to break rules that made human society possible" (Fortes, 1983: 6), de forma que a regra é, em sua visão, o pressuposto fundamental para a sociedade e para as relações sociais. A

[11]Principal feira do setor pet na América Latina. Ocorre anualmente na cidade de São Paulo e reúne empresas de nutrição animal, acessórios, higiene e beleza e serviços.

regra transmite as normas segundo as quais os indivíduos devem guiar suas ações em sociedade. Para o autor,

> Conformity to a rule … presupposes at least a minimum of conscious awareness of what is required, a minimum sense of social obligation, a minimal conscience… rules embody the constraint that … is the essence of society (*idem*: 10).

No decorrer do livro, Fortes defende a particularidade humana quanto à elaboração e obediência ou transgressão intencional de regras, visto que os demais animais não as têm sistematizadas. Ele ainda analisa distintos fatores que nos diferenciam dos outros primatas, como a linguagem, o altruísmo prescritivo e as funções sociais institucionalizadas dos pais. Fortes aponta também o critério da ética como um divisor das espécies. O ser humano seria

> an ethical animal. He follows rules among other things in order to judge and choose between right and wrong, good and bad. Which brings us back to culture, without which as the cross-cultural diversity of ideas and norms of right and wrong, good and bad remind us, there is no society. And just as non- human primates and other animals are incapable of making and intentionally following or breaking rules, so, I would argue, are they incapable of entertaining and choosing between moral alternatives. Dogs, we are told, display guilt if they are found committing acts that correspond to what we would call taboos invented and imposed by the training they receive from humans. There is no evidence of moral behavior among animals in a 'state of nature' (*ibidem*: 28-29).

Para Fortes, o sentimento de culpa dos animais poderia ser interpretado como um indicativo de compreensão das regras sociais e a capacidade de se configurar socialmente enquanto seres morais, por sua vez, seria uma exclusividade dos cães que saíram de seu "estado natural", pois não haveria evidência do contrário.

Não podemos equivaler as relações com os cães às relações humanas se seguirmos todos os argumentos o autor, uma vez que o autor apresenta uma série de supostas exclusividades nossas. Os trechos aqui apresentados, porém, nos suscitam uma percepção mais abrangente do que ocorre entre humanos e cães. Considerada a regra como base da fundação da sociedade e estrutura pela qual os seres se relacionam, é possível afirmar que, para esses interlocutores, ela e sua transgressão regem a relação e a sua consequente apreciação. A reciprocidade esperada do cão aponta para a sua inserção em um sistema social com regras de comportamento, ao menos em sua idealização. Por estarem inseridos em um sistema baseado em regras sociais, seu não cumprimento gera frustrações, visto que os humanos julgam cães como capazes de entendê-las. O rompimento da regra gera pesar emocional quando um cão não responde afetivamente à atenção, ao carinho e aos cuidados que lhes são dedicados.

Consideradas as devidas diferenças entre a regra social entre humanos e a interespecífica

entre humanos e cães, vemos que as regras de comportamento são estabelecidas por ambas as espécies. Humanos estabelecem normas como espaços a não serem frequentados, o local certo para urinar e os demais comandos. Cães, por sua vez, podem transmitir aos humanos o que não fazer para não desagradá-los. Como exemplo, há cães com medo de pés, vassouras ou outros objetos com os quais foram violentados no passado, recorrente em casos de adoção após maus tratos. Percebido o trauma, ele é levado em consideração do momento em que é descoberto em diante. O mesmo ocorre com as preferências de locais de toque físico, pois há cães que não gostam que toquem no seu focinho ou na sua cauda. Para voltar ao exemplo de Cherry, a cachorra faz com que alguém esteja no local para dar comida a ela, pois, se deixarem no prato antes de sair, ela não come até que alguém volte.

AFETOS E COEXISTÊNCIAS INTERESPECÍFICAS

A partir das relações encontradas em campo, vemos que os cães não são apenas agentes nas redes sociais humanas, eles são sujeitos de relações sociais. A reciprocidade é a chave para que elas sejam positivamente valoradas, e quando ela ocorre com demonstrações de afeto, como para o grupo abordado, um sentimento positivo e recíproco é apontado: o amor. Esse grupo reconhece o amor canino no dia a dia a partir de atos como pedir atenção e carinho, procurar ficar fisicamente encostado a eles ou no mesmo ambiente, latir para quem estiver aumentando a voz contra eles numa tentativa de proteção, por exemplo.

Para esses donos, o amor proveniente dos cães de estimação difere dos outros sentimentos afetivos humanos por ser entendido como verdadeiro e desinteressado, característico da espécie canina. A classificação do amor proveniente dos cães como incondicional, puro e livre de interesses é presente em distintas conjunturas urbanas (Oliveira, 2006; Pastori, 2012; Osório, 2011; Osório, 2016; Pastori, Matos, 2015). Neste contexto, este afeto aparece como um amor incondicional a quem os trata bem e diferenciado por ser resultado apenas da relação em si – não são as características estéticas ou financeiras que interessam a eles, o que os distinguem dos sujeitos humanos com os quais seus donos mantêm relações sociais. Essa forma de se relacionar confere a eles uma característica que os diferencia de nós: a moralidade elevada.

Essa moralidade é altamente contrastante com a moralidade humana, uma vez que nossa espécie se relacionaria através de condutas baseadas em traços imorais como o egoísmo, a

vaidade e o interesse. Na questão moral, portanto, somo superados por eles[12]. Esse é um dos aspectos pelos quais a espécie canina é admirada e apontada como fonte de ensinamento para nós[13]. E é por conta dessa moral elevada que o amor proveniente dos cães é considerado verdadeiro e puro.

Faço, entretanto, uma ressalva a respeito da incondicionalidade do amor. Haraway (2003) acredita que esse discurso não traduz a realidade e pode ser prejudicial para ambas as espécies envolvidas (2003: 33). O que a autora defende ocorrer é uma tentativa de conhecer a intimidade do outro sujeito e de satisfazer constantemente as condições de amar (2003: 35-36). Essa análise revela uma maior complexidade na relação aqui estudada, na qual encontramos "the deep pleasure, even joy, of sharing life with a different being, one whose thoughts, feelings, reactions, and probably survival needs are different from ours." (2003: 37). Seguindo essa interpretação, da qual compartilho, os cães passam de sujeitos cujo amor é inabalável a sujeitos em uma relação em que ocorre a busca do conhecimento do outro, feita através de jornada constante que inclui acertos e erros (2003: 35-36), e na qual eles aprendem a conviver e exprimir o amor que surge da própria relação. Essa interpretação do amor condicional e não pré-existente se mostra mais acurada para compreender as relações aqui descritas, uma vez que cães não amam de forma obediente e sim de forma agente. Ela não contraria, contudo, a concepção da sinceridade do amor canino, tão valorizada por meus interlocutores.

Ao analisar as relações entre cães e humanos, Haraway afirma que "[t]hrough their reaching into each other, through their "prehensions" or graspings, beings constitute each other and themselves" (2003: 6). Essa co-constituição a partir do outro leva à questão do parentesco. A concepção de animais de estimação enquanto família é analisada por diversos autores (Oliveira, 2006; Segata, 2012; Pastori, 2012; Osório 2011; Osório 2015; Toma, 2015, 2017), e em comum estão os laços afetivos em que eles estão envoltos.

[12]A pureza moral reconhecida nos animais e sua superioridade sobre a humana é abordada por outros autores, como Oliveira (2006), Pastori (2012), Matos (2012), Osório (2012), e Pastori e Matos (2015).

[13]Gostaria, aqui, de apontar uma consideração a respeito da moralidade canina. O discurso de uma moralidade perfeita do animal que não faz mal a ninguém não se sustenta quando falamos de cães no geral e não do cão que a pessoa possui. Há casos de violência para com outros animais, inclusive humanos, que parecem não ter justificativa e, portanto, levam a acreditar que um cão possa ter uma personalidade ruim. Essa possibilidade é raramente admitida, mas ocorre quando cães de raças consideradas perigosas estão presentes no local, pois os donos restringem a movimentação de seus pets com medo de um ataque. Há uma explicação para esse comportamento – o cão não nasce ruim, mas pode se tornar ruim como consequência de sofrimento ou da educação dada por humanos. Essa quebra de discurso acerca do cão como animal que não faz mal a ninguém apresenta uma maior complexidade na compreensão da personalidade do animal e das influências que ela pode sofrer dos humanos e suas atitudes.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Para meus interlocutores, cães fazem parte de suas famílias. Isso ocorre não apenas na linguagem ou nos discursos, de forma que o parentesco aqui expressado não é apenas um modo de falar. A fim de desenvolver o argumento dos cães dentro do parentesco do grupo que abordo neste artigo, aponto aqui duas interpretações de parentesco como algo social. Carsten (2004) aponta situações em que o parentesco é feito na casa e através dela, a partir do compartilhamento de espaço, intimidade, comida, memórias, práticas corporais e de nutrição emocional dentre aqueles que convivem no ambiente. Sahlins (2011), por sua vez, aborda o parentesco pelo seu conceito de "mutualidade do ser". Para ele, a essência do parentesco é a mesma em todos os seus modos de constituição: a participação na vida do outro. O autor afirma que o componente genealógico não é essencial e que o parentesco é sobre a participação intersubjetiva entre os parentes, que são pessoas presentes e participantes nas vidas umas das outras, com vidas interligadas e dependentes e que se pertencem e são membros entre si. O parentesco é, para Sahlins, culturalmente estabelecido mesmo em sociedades que prezam o sangue, de forma que a amizade, adoção, afeto e co-residência, por exemplo, são formas pelas quais o parentesco é construído.

Ainda que diversas teorias de parentesco não aceitem não humanos como parentes, a partir das análises de Carsten e Sahlins e da sua extensão ao cenário em questão – mesmo que ela não seja defendida por esses autores - podemos afirmar que os cães estão em relações de parentesco com os humanos. Na linguagem nativa, contudo, cães não são parentes, pois, ao contrário de exprimir a proximidade que é intrínseca ao conceito para Carsten e Sahlins, este termo evoca uma ideia de distanciamento, mesmo se considerados os laços consanguíneos ou de afinidade. O conceito de mutualidade do ser encontra sua expressão na concepção dos cães enquanto família, pois esta abrange seres mais próximos que os chamados "parentes" e exprime o mesmo sentido do conceito para meus interlocutores, ao menos quando se trata dos cães.

A utilização do conceito de mutualidade do ser para estes animais é complexa. A presença e a participação dos cães na vida dos humanos de forma que eles se pertencem entre si os faz parentes – ou família, na linguagem nativa-, mas esta regra pode não ser aplicada a humanos na mesma situação, pois, para a mesma espécie, a consanguinidade é o fator decisivo para muitas dessas pessoas. Embora complexo em sua utilização, esse conceito é um ponto de reflexão para analisarmos a relação familiar da qual o cão faz parte e o por quê da sua inserção na família.

Noto que, em seu âmbito, os cães podem assumir, nos discursos e concepções, papéis

tradicionalmente humanos ou não. Por vezes seu lugar se assemelha ao de filhos ou irmãos mais novos, pela relação de cuidado e proteção para com eles – uma vez que, restritos dentro de casas, eles precisam de um ser humano que supra suas necessidades, caracterizando uma relação de dependência[14]. Eles podem também ser entendidos como um ser da família, que ocupa um lugar que é só seu, com interações, contribuições e necessidades específicas. Aqui, eles são parte da família enquanto cachorros – não são infantilizados, podem ser filhos ou irmãos, mas não são comparados a humanos. Assim, cães podem completar uma família ou ser a única família de alguém. Nos dois casos, a diferença de espécies não tem lugar na concepção de família, como vemos na fala de um menino de 10 anos: "filho adotivo é que nem cachorro, é da família, só não tem o mesmo sangue".

CONSIDERAÇÕES

Temos, neste grupo abordado, um exemplo de coexistência interespecífica que modifica a vida das duas espécies a partir de sujeitos agentes com características individuais. Vemos aqui relações construídas com base nas personalidades envolvidas, humanas e caninas, que são permeadas pelo afeto, respeito e consideração. Não só os sujeitos são co-constituídos e pertencentes entre si, como a casa se torna um espaço interespecífico que passa por mudanças para atender a convivência, pois precisa ser higienizada com frequência e repensada para limitar os espaços e circulações[15].

Enquanto cães domesticados, distintas características caninas são transformadas ou burladas para que a convivência possa existir de forma harmoniosa para os humanos. Seu corpo é banhado, suas unhas são lixadas, sua alimentação é reduzida ao que lhe oferecem e sua circulação pelas ruas é definida pelos humanos. As intervenções na vida canina são muitas vezes feitas com auxílio do mercado pet, que fornece produtos e serviços que facilitam essa convivência[16]. Mesmo sendo sujeitos detentores de agência, as relações de poder são desiguais. A relação não é marcada, contudo, por uma submissão dos cães aos humanos ou por adequações

[14] Noto que a cognição canina é também fonte de comparação com sujeitos que precisam ser cuidados.
[15]Criam-se espaços para que os cães façam suas necessidades, se alimentem, e por vezes há adição de grades ou móveis voltados à sua restrição ou à sua comodidade.
[16]Rações, coleiras e xampus beneficiam o nosso conforto ao nos fornecer algo pronto que nos serve na relação com os cães. Noto que esse grupo não consome serviços que modificam os animais com finalidades estéticas, como tintura de pêlo e penteados.

apenas caninas. Ter um cão exige esforços emocionais, físicos e financeiros, e pode gerar momentos de desconforto quando a dedicação ou cuidado com o animal sobressaem às vontades humanas. Basta lembrar da mulher que saiu de casa para poder manter o cachorro na família para inferir que as vidas humanas sofrem também modificações, por vezes profundas.

A coexistência e a quebra da noção de exclusividades humanas leva à reconfiguração dos conceitos de humanidade e animalidade. As capacidades partilhadas conosco, como as de pensar, sentir, se emocionar e se comunicar, não os fazem humanos, mas dão outra visão acerca dos cães enquanto animais. Para esse grupo, "humanizar" os cães é uma acusação, pois isso significaria atribuir a eles características fantasiosas. O que eles fazem é reconhecer que estas características presentes em nós humanos são presentes também nos cães.

Se "ser mais humano" comumente é sinônimo de possuir características e atitudes nobres, a moralidade da "humanidade" enquanto conjunto de seres humanos é, neste contexto, superada por esses animais. Temos complexos usos dos conceitos de humano e animal, mas percebemos que não é necessário humanizar os animais para concebê-los enquanto sujeitos.

BIBLIOGRAFIA

BARRETO, Eric Silva Batista. 2015. *Por dez vacas com cria eu não troco meu cachorro: as relações entre humanos e cães nas atividades pastoris do pampa brasileiro.* Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas.

CARSTEN, Janet. 2004. *After Kinship.* Cambridge, Cambridge University Press.

CHARLES, Nickie; DAVIES, Charlotte Aull. 2008. "My family and other animals: pets as kin". *Sociological Research Online*, Surrey, 13(5).

CLUTTON-BROCK, Juliet. 1994. "The unnatural world: behavioural aspects of humans and animals in the process of domestication". In: MANNING, Aubrey; SERPELL, James. (org.) *Animals and human society: changing perspectives*. London, Routledge, p. 23-35.

FAUSTO, Carlos. 2005. "Se Deus fosse jaguar: canibalismo e cristianismo entre os Guarani". *Mana*, Rio de Janeiro, 11(2): 385-418.

FERRIGNO, Mayra Vergotti. Direitos Animais e o remodelamento das fronteiras políticas entre mundos humano e não humano. In: *Jornadas de Antropologia da UNICAMP*, Campinas, 2011.

FORTES, Meyer. 1969. *Rules and the Emergence of Society*. Londres, Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland.

HARAWAY, Donna. 1991. "A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century" In: *Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature*. New York, Routledge. _____. 2003. *The Companion Species Manifesto: Dogs, People, and Significant Otherness*. Chicago, Prickly Paradigm Press.

INGOLD, Tim. 1995. "Humanidade e Animalidade". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, 10(28).

KULICK, Don. 2009. “Animais gordos e a dissolução da fronteira entre as espécies”. *Mana*, Rio de Janeiro, 15(2): 481-508.

LACERDA, Eugenio Pascele. 1995. *As Farras do Boi no litoral de Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina.

MATTOS, Liziane Gonçalves de. 2012. Quando *a ajuda é animalitária: um estudo antropológico sobre sensibilidade e moralidades envolvidas no cuidado e proteção de animais abandonados a partir de Porto Alegre/RS*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MOUTINHO, Laura. 2004. *Razão, “cor” e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivosexuais “inter-raciais” no Brasil e África do Sul*. São Paulo, Editora da UNESP.

OLIVEIRA, Samantha Brasil Calmon de. 2006. *Sobre homens e cães: um estudo antropológico sobre afetividade, consumo e distinção.* Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ORO, Ari Pedro. 2006. “The sacrifice of animals in Afro-Brasilian religions: analysis of a recent controversy in the Brazilian state of Rio Grande do Sul”. Traduzido por Enrique Julio Romera. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 25(2).

OSÓRIO, Andrea Barbosa. 2011. “Humanidade e não-humanidade: notas sobre um grupo de protetores de gatos de rua”. *Anais do Seminário de Pesquisa do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional*. Campos dos Goytacazes, Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, p. 1-17.

_____. 2012. “Gatos também amam! Uma análise das perspectivas de protetores de gatos de rua”. *Anais da 28ª Reunião Brasileira de Antropologia*. São Paulo.

_____. 2015. “Mãe de gato? Reflexões sobre o parentesco entre humanos e animais de estimação”. *Anais da V Reunião Equatorial de Antropologia e XV Reunião da Antropólogos do Norte-Nordeste*. Maceió.

_____. 2016. “Guloseimas para animais de estimação: notas sobre afeto, alimentação e mercado pet”. *Anais do VIII Encontro Nacional de Estudos do Consumo*. Niterói, Universidade Federal Fluminense.

PASTORI, Erica Onzi; MATOS, Liziane Gonçalves de. 2015. “Da paixão à “ajuda animalitária”: o paradoxo do “amor incondicional” no cuidado e no abandono de animais de estimação”. *Caderno Eletrônico de Ciências Sociais*, Vitória, 3(1):112-132.

PASTORI, Erica Onzi. 2012. *Perto e Longe do Coração Selvagem: um estudo antropológico sobre animais de estimação em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.* Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PAULINO, Carlos Alexandre Assim. 2008. *Conflitos e Interesses acerca do Controle da Experimentação Animal no Estado de São Paulo.* Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas.

PERROTA, Ana Paula. 2012. “O “sofrimento” como justificativa para a reivindicação de uma nova relação entre humanos e animais”. *XV Encontro de Ciências Sociais – Norte/Nordeste (CISO)*. Piauí.

PINTO, Leandra. 2016. *Resgatando afetos: um estudo antropológico sobre redes urbanas de proteção animal.* Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SÁ, Guilherme José da Silva e. 2005. “Da cultura da diferença à diferença das culturas: a apropriação do conceito de cultura no discurso de primatólogos”. *Revista ILHA de Antropologia*, Florianópolis, 7(1,2): 257-278.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

SAHLINS, Marshall. 2011. “What Kinship is Part One”. *JRAY*, 17(1): 2-19.

SEGATA, Jean. 2012. *Nós e os Outros Humanos, os Animais de Estimação*. Tese de Doutorado em Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

SENRA, Klinton. 1996. *Gente é macaco de onça. Padrões de comestibilidade de animais nas terras baixas da América do Sul.* Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SORDI, Caetano. 2011. “O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais”. *Caderno IHU Idéias (UNISINOS)*, São Leopoldo, 145:3-28.

TOMA, Renata Harumi Cortez. 2015. Emoção e empatia: os limites do humano e do não humano nas relações entre os homens e seus animais de estimação. *Anais da V Reunião Equatorial de Antropologia e XV Reunião da Antropólogos do Norte-Nordeste*. Maceió.

_____. 2017. *Amor canino: emoção, mercado e subjetividades entre seres humanos e cães de estimação na cidade de São Paulo.* Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade de São Paulo.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1996. “Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio”. *Mana,* Rio de Janeiro, 2(2):115-144.